

Um Grande Livro Boicotado

Mozart Soriano Aderaldo

1

Está a Igreja Católica atravessando um período de crise? — é a indagação que todos, crentes e ateus, fiéis e hereges, formulam desde os primeiros momentos do Concílio Vaticano II.

Lembro-me bem da preocupação de ilustrado sacerdote jesuíta nordestino, logo depois da eleição do Papa João XXIII, com a simples escolha, por este feita, de um nome que deverá ter sido esquecido em face do que o último dessa denominação fizera à Igreja, tornando-se um antipapa, nos idos de 1410 a 1415, “fruto mais infeliz do desgraçado Concílio de Pisa”, segundo o historiador Frei Dagoberto Romag, O.F.M. (*Compêndio de História da Igreja*, vol. II, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1950, pág. 260). E recorro, também, a angústia não menor de outro jesuíta de tradicional família cearense, quando João XXIII resolveu convocar o Concílio: — “O católico que mantiver íntegra a sua fé nos próximos trinta anos (estávamos no início da década de 60) será um herói”. E explicava ele que os desvios da verdadeira doutrina e desmandos individuais de cada um seriam tão grandes que escandalizariam o mundo, porque partiriam de Cardeais, Ar-

cebispos, Bispos, Padres e Freiras, e não de leigos. Pelo menos não tanto de leigos.

O próprio Papa Paulo VI, que persistiu na realização do Concílio não obstante as dificuldades enfrentadas por seu antecessor imediato, falecido no início da empreitada, não se temeu de dizer, possivelmente numa atitude de autocritica, que assistíamos a uma “autodemolição da Igreja.”

Desta forma, aquela indagação a princípio referida nesta crônica perdeu o tom interrogativo para assumir o aspecto afirmativo, fingindo ignorar a crise e interessados em escondê-la precisamente os que nela se deixaram envolver. “São fenômenos marginais que se vão limando com o tempo e acabam oscilando em redor de uma linha central” — diziam e ainda dizem eles. Ou tentam acalmar o estarrecido laicato com a desculpa de que os fatos por muitos pressentidos e até presenciados são fenômenos que geralmente acontecem após os Concílios, que possuem três fases — a dos homens, a do demônio e a de Deus. Estaríamos atravessando a segunda delas.

Mas não adianta mais disfarçar, pois o que vem acontecendo é da maior gravidade, com o “perigo da desagregação da fé”, na expressão do próprio Paulo VI. Se, como cristãos, devemos ser caridosos, como escritores e historiadores temos a obrigação de servir à Verdade, e por isso não me posso escusar do doloroso dever de dizer que Paulo VI muito concorreu com sua omissão e dubiedade para esse estado de coisas. A propósito lembremos o que em livro sobre João XXIII leu um intelectual católico de minha particular estima, que me passou a seguinte história: — na primeira fase do Concílio, ainda vivo João XXIII, este, jocosamente, indagara de alguns Cardeais para onde iria “aquele Hamlet”, o então Cardeal Montini que passava ao largo. E todos sabemos que Hamlet é a corporificação do “ser ou não ser”, mais prejudicial do que a própria opção pelo mal, que essa é a tese de Shakespeare na imortal peça teatral.

O que vemos não são dissensões acerca de questões periféricas mas o desenvolvimento violento e acelerado de cis-

mas e heresias, cheirando a marxismo, queira Deus que sopitados, agora, pelo novo Papa João Paulo II. Triste consolo seria contentarmo-nos, os católicos, com a alegativa de que outras religiões cristãs sofrem crise idêntica, pois uma falha nossa não nos pode tranquilizar pelo fato de haver outros que também se equivocam nem o erro deixaria jamais de ser erro por ser geralmente aceito ou praticado.

Esses desvios, aliás, vinham sendo lenta e progressivamente propagados desde o tempo de São Pio X, no início do presente século. Chamou-se “modernismo”, para captar a simpatia de quantos se empolgam pelas novidades sem maiores exames, contrapondo-se, de indústria, ao que seus corifeus denominaram “conservadorismo”, “imobilismo” “integrismo” e outros termos adrede empregados com sentido pejorativo, na melhor técnica leninista. O santo porém enérgico Pio X, ao cortar cerce a então tenra plantinha do “modernismo”, fê-lo com a consciência de sua imensa responsabilidade, classificando-a como “síntese de todas as heresias”, no que, aliás, foi profético. Sua vigilância pastoral levou-o, em 1910, a exigir de todo o clero, inclusive Bispos, Arcebispos e Cardeais, a prestação de um juramento específico antimodernista, até hoje não invalidado jurídica e doutrinariamente, mas esquecido indiretamente e até diretamente combatido. Lembro-me de ter lido, com grande tristeza, artigo de Tristão de Athayde contra... Pio X, onde enfaticamente criticada foi sua saudável vigilância pastoral. Sua Encíclica *Pascendi* era ali considerada documento intolerante e obscurantista.

A oportuna interferência de Pio X adiou a eclosão da crise, pois a difusão dos erros modernistas não mais foi processada abertamente. Apelou-se, então, para outros meios, de que é exemplo a obra póstuma de Teilhard de Chardin, que nunca obteve permissão para ser divulgada, onde os erros modernistas são disfarçados sob a roupagem de uma teoria cosmogônica arquitetada sem base nos fatos históricos, mas exposta através de expressões científicas, para impressionar. Por isso, Jacques Maritain, respondendo indagação de Tristão

de Athayde a respeito do assunto, classificou o teillardismo como “fábula e moeda falsa”. É que esse emaranhado de idéias esquece o Cristo histórico para fixar-se num inexistente Cristo cósmico. Propugna por um Ponto Omega ou Ponto Final, centro de convergência de todos os espíritos ou reunião de todas as consciências, sem nenhuma base teológica. Compara o mundo físico às sagradas espécies sacramentais, numa nova faceta do panteísmo, que assim ressurge modernizado. Subestima sinuosamente o Pecado Original e conseqüentemente a missão redentora de Cristo. São tão perigosas essas idéias, porque disfarçadas sob uma linguagem falsamente científica, que a Igreja, em 1962, no tempo mesmo do liberal Papa João XXIII, colocou o teillardismo entre as teorias suspeitas e determinou que todas as autoridades eclesiásticas protegessem os jovens contra esses perigos.

O resto não é silêncio, não obstante a genialidade de Shakespeare... Todos assistimos ao que aconteceu depois e ainda vemos o desenvolver da tragédia, tão bem estudada em livro monumental, para mim o maior de história e sociologia, sob visão católica, publicado no Brasil nestes últimos tempos, mas explicavelmente boicotado pelos que se sentem atingidos por suas páginas de fogo. Refiro-me a *O Século do Nada*, do admirado por uns e odiado por outros escritor Gustavo Corção (Distribuidora Record. Rio de Janeiro — São Paulo, sem data), que comentarei na próxima crônica.

2

Feita a apresentação, através do exórdio constante de minha última crônica, de um grande livro de história e sociologia, boicotado pelos “progressistas” e escritores engajados no trabalho de esquerdização do mundo, cabe-me iniciar, propriamente, a análise do grande trabalho de Gustavo Corção objeto deste meu estudo. E relembro, de logo, caso

ocorrido com *A Ilusão Americana*, de Eduardo Prado, que teve sua primeira edição apreendida pela Polícia da República recém-criada. Anos depois reeditada, seu ilustre autor fez acrescentar ao livro ligeira introdução onde dizia que em modesta oficina de sapateiro se viam, numa tabuleta, dois leões disputando uma bota ali consertada, pintura essa ilustrada com o dístico zombeteiro: — “Rasgar a bota, podem; desfazer as costuras, nunca!” Aplicando essa história ao seu trabalho, Eduardo Prado assim concluía, ironicamente: — “Apreender o livro, podem; refutá-lo, jamais!” O fato se ajusta, maravilhosamente, ao sério estudo intitulado *O Século do Nada*, de Gustavo Corção: — “Silenciar a seu respeito, boicotá-lo, fingir ignorá-lo, podem; contestá-lo, de modo nenhum!”

Baseado em Leon Bloy, com quem aliás Corção muito se pareceu na coragem com que enfrentaram os poderosos de qualquer ordem e desfizeram suas imposturas, o livro em análise estoicamente acusa os “modernistas” pós-conciliares de “escavadores do nada”, expressão de Bloy em “*Le Désespéré*”. Daí o título da obra.

Sua “Introdução”, de trinta e cinco páginas densas, objeto desta minha crônica de hoje, constitui, quiçá, o melhor relato, até agora feito, dos pródromos da Revolução Brasileira de 31 de março de 1964. É a história da infiltração do esquerdismo no clero brasileiro, através dos padres dominicanos franceses. Quem diria?! Ali encontramos, *pari passu*, o lento e sinistro caminhar daqueles que, dizendo-se orgulhosamente seguros na doutrina, se jactavam de poder palmilhar qualquer caminho, por mais arriscado que parecesse ser. A união de católicos e marxistas contra os nazistas, então ocupando a França aproximara-os não apenas naquela ação comum, mas, igualmente, em suas inconciliáveis doutrinas. Devemos a Hitler não somente as suas outras conhecidas imposturas, mas, por via de consequência, a maior delas, que foi a aluição, por dentro, do Catolicismo, aquela “autodestruição” a que Paulo VI se referiria anos depois. O primeiro

dentre eles que aqui chegou foi Frei Lebret, e dizia-se, sem subterfúgio, que “o negócio é assim: Aristóteles, Santo Tomás, Lebret”. Como no Brasil as idéias chegam geralmente atrasadas, não nos foi possível vacinar contra essa simpatia irradiada pelo famoso dominicano, que trazia para nós idéias meio velhas, já condenadas formalmente por Pio XI, antes expostas na revista *Sept*, ressuscitada com o nome de *Temps Présent* após o fechamento da primeira por determinação do Vaticano. Outros seguiram-lhe as pegadas sendo digno de citação Frei Romeu Dali, que deu depois o último passo, resvalando para o “progressismo” comunizante. O movimento “Economia e Humanismo”, que tantas esperanças despertara entre os intelectuais católicos, fundado por Lebret e outro seu irmão dominicano, Frei Desroches, inclinar-se-ia para um impossível marxismo-cristão, tendo o último desses frades terminado comunista mesmo, não mais católico, ateu convicto.

Até então a mocidade católica brasileira se mantinha imune, graças à pregação e vigilância dos padres fiéis. Mas a infiltração se foi realizando sorrateiramente ao ponto de hoje os movimentos de jovens católicos colocarem os pais em sobressalto. Antigamente, a integração de moços na Ação Católica e nas Congregações Marianas era penhor de boa formação religiosa e política. Hoje, não se contam os pais que choram o desvio de seus filhos pela pregação de padres e freiras ditos “progressistas”, resguardados estes pela batina e pelo hábito religioso, muitas vezes usados apenas na hora de garantirem o privilégio de não serem presos. Não digo, aliás, nenhuma novidade a respeito. Autoridade indiscutível no assunto, o Pe. José Fernandes de Oliveira, mais conhecido como Pe. Zezinho, acaba de confessar-se desiludido com o novo método de a Igreja tratar os jovens. Porque, em vez de colher resultados positivos de seu longo trabalho, o que tem encontrado é um “baixo índice de perseverança nos grupos, comunidades e movimentos jovens de todo o país.” E o que observou nos meios religiosos é a “prática de uma religião sem conteúdo e com tendência ao iluminismo”, de

par com uma ignorância religiosa nunca vista. E concluiu: — “Nossos senhores bispos e nós padres temos grande parcela de culpa. Nossa Igreja trocou a catequese, que é difícil, pelo impacto e pela vivência, que é mais fácil ministrar em doses de três dias e alguns tempos fortes... Mas, como não podia deixar de ser, estamos nos esvaziando. A Pastoral da Juventude no Brasil acabou tornando-se uma pastoral sem conteúdo, sem doutrina, sem teologia”. Isto quando não resvala para o esquerdismo.

O germe difundido a partir de Lebrecht proliferou e expandiu-se, embora o episcopado brasileiro permanecesse imune a ele, alguns bispos até bem atentos para o problema. Mas nos veio, para prosseguir naquela obra destruidora, um Núncio Apostólico (Dom Sebastião Baggio) que, por esse ou aquele motivo, deu início à infiltração no episcopado através da indicação de padres comprometidos com o “progressismo” para as dioceses vacantes ou como auxiliares de velhos e cansados catedráticos. Pouco numerosos mas ativistas ousados, ei-los à frente de qualquer movimento, oferecendo-nos a falsa impressão de que constituem a maioria do episcopado nacional. Recentemente, segundo notícia divulgada em jornais insuspeitos, publicação oficiosa ou mesmo oficial do comunismo internacional teve a audácia de relacionar os nomes de trinta e um bispos brasileiros “engajados” no movimento esquerdista, dentre um total de mais de duzentos. Absurdos como esse são estampados todos os dias em nossos periódicos e não mais causam impacto em ninguém, infelizmente. Acostumamo-nos com o inverossímil. Porém, com o abastardamento da Religião diante de um movimento materialista que não cede, não dobra, não flexibiliza senão taticamente, vivendo hoje apenas a fase da expansão para amanhã deglutir a todos, os que contra ele somos e aqueles que os ajudaram, estes possivelmente em primeiro estágio, nunca se conformou Gustavo Corção, que analisou na “Introdução” de sua obra monumental boicotada os “novos avanços da sinistra caravana que dá à desesperança e ao nada do século nomes de otimismo e de progresso”.

E, afinal, no desenvolver de sua obra, de que mais fala, nas várias partes que a compõem, o grande escritor recentemente falecido? Disto tratarei em crônica posterior, se Deus me permitir.

3

O Século do Nada, livro de Gustavo Corção sobre o qual já escrevi duas crônicas, compõe-se, além de uma alen-tada “Introdução”, cujo valor foi aqui salientado, de duas partes. A primeira delas com três capítulos, assim intitula-dos: — “Um velho leigo interroga...”, “O Jogo Esquerda-Direita” e “A Revolução se Avoluma”. A segunda, dispon-do de quatro capítulos, com os seguintes títulos: “Estamos no Século XX”, “Espanha, Roma e França”, “Encruzilhada de Traições” e “O Ativismo Desesperado”. Uma “Conclusão” de poucas folhas é o arremate dessa obra de 439 páginas, den-sas e sérias.

Impossível será resumir os verdadeiros tratados que são os capítulos desse livro monumental, cujos títulos, por si, predispõem qualquer um à sua leitura.

Apenas relembrarei, a esta altura de minha análise, que todo o drama da Igreja nos tempos atuais se deve ao fato de que, aos poucos, foram surgindo bispos “populares” e depois “populistas”, que se sentiam bem nas manchetes dos jornais, embora não tivessem ainda coragem de se manifestar infiéis ao juramento antimodernista que fizeram ao serem eleitos, mas já davam mostras do que seriam capazes. Esse ressurgimento dos erros “modernistas” foi encorajado, de par com a divulgação da obra de Teillard de Chardin, pela doença e morte do grande Papa Pio XII, logo caluniado através de sis-temática campanha dos inimigos da Igreja; pela eleição e breve pontificado de João XXIII, um Papa “modernizante” embora não “modernista”; e pela eleição de Paulo VI, corre-to na doutrina mas dubio nas ações, premiando com honra-rias os “progressistas”, que o contestavam de frente em ma-

téria doutrinária, de que é exemplo o Cardeal Luenans no caso da Encíclica *Humanae Vitae*, e punindo severamente qualquer atitude dos “conservadores” considerada contestatória ao Concílio Vaticano II.

O bom Papa João XXIII teria encorajado involuntariamente os “modernistas” com sua maneira simplória de apresentar-se, dando azo à quebra do protocolo; com a convocação do Concílio, que apenas instalou mas não pode presidir, por ter falecido pouco tempo depois de sua abertura; com a oportunidade, habilmente aproveitada pelos “modernistas”, de introduzirem idéias suas nos documentos conciliares. Paulo VI não obstante ter conhecido os problemas enfrentados por João XXIII na primeira sessão do Concílio, não relutou em reconvocá-lo de imediato, para realizar mais três sessões, quando foi perdendo o controle da Igreja, até a grave crise dos recentes dias.

Não que o Concílio tenha sido “modernista” nos seus documentos e conclusões. Mas é perceptível que aqui e ali pode ser apontado um enfraquecimento no modo de enfrentar os erros, de que é eloqüente prova o fato de não ser feita referência ao comunismo senão uma única vez, e através de simples nota de pé de página, e assim mesmo indiretamente, sem que sequer a denominação oficial da política marxista apareça. E ensejou um estranho malabarismo intelectual dos “modernistas”, que é o seguinte: — quando alguém procura interpretar devidamente os documentos conciliares, os “renovadores” se assanham em defesa do que está escrito e introduzido por eles; mas quando se procura contrapor o próprio texto dos documentos às novas doutrinas ou atitudes, eles imediatamente apelam para um “espírito conciliar” não expresso mas subjacente. Acresce que a criação de inúmeros organismos continentais, nacionais e regionais enfraqueceu a autoridade dos bispos e, por mais estranho que pareça, a do próprio Papa. De fato, anteriormente os pronunciamentos dos bispos eram freqüentes, através de notas, circulares, Cartas Pastorais, etc., em que assumiam a responsabilidade do que diziam. Hoje são feitos por intermédio de documentos emi-

tidos por comissões, subcomissões e assessorias, geralmente não assinados, onde fica expresso o que pensa uma minoria ousada e adestrada e não a maioria dos bispos que compõem oficialmente aqueles organismos. E por isso cada vez mais esses organismos reivindicam, em nome de todos os bispos, cujo pensamento médio deveriam representar, maior “colegialidade”, isto é, maior liberdade de ação frente ao Papa, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, inibem os bispos catedráticos de falar a seus diocesanos de modo direto como dantes, dizendo o contrário. Saliente-se, muito a propósito, que a instituição dos bispados é de origem divina, enquanto esses organismos são de iniciativa humana.

Em tempos idos, quando alguém dissentia da doutrina da Igreja, desta se separava espontaneamente e perdia a qualidade de membro do Corpo Místico de Cristo, ou então era expulso, sofrendo as mesmas conseqüências. Atualmente, os “renovadores” não saem nem são expulsos e a confusão é gerada entre os fiéis, com grande prejuízo para o rebanho de Cristo.

Cismas e heresias sempre sofreu a Igreja, aliás geralmente provocadas por bispos, padres, frades e não por leigos. Mas a Igreja saía sempre revitalizada após essas crises. Uma das características do “modernismo” é precisamente o fato de que os discrepadores de hoje continuam encarapitados em seus postos de mando, solapando a Igreja por dentro. E se não saem, também não são expulsos, sendo esta a política desnorteante adotada pelo Vaticano no pontificado de Paulo VI, não obstante este ter declarado, solenemente, a 29 de junho de 1972, as seguintes terríveis palavras: — “Acreditávamos que depois do Concílio se abriria um novo capítulo de paz e luz na história da Igreja. Em lugar disso, tivemos novas tempestades: persiste a incerteza entre os católicos, que repelem as coisas sagradas e abandonam a sua fé”. Incerteza essa — acrescentamos nós — gerada precisamente pelas novidades que ele, Paulo VI, permitiu fossem introduzidas a partir do Concílio.

Destarte, os desvios doutrinários somente seriam vencidos se um Papa enérgico os tivesse enfrentado corajosamente. Mas nada se fez e um exagero vem gerando outro. Por isso os erros doutrinários se multiplicavam, com a virgindade de Maria posta em dúvida, a transubstanciação exposta de forma diferente do dogma proclamado, a ressurreição de Cristo explicada de maneira diversa do que está nos Evangelhos, a obra da Redenção esvaziada pelo “teillardismo”, tudo isto divulgado através de livros vários que nenhuma censura têm recebido (pelo contrário, seus autores são promovidos a pregadores de retiros do clero) e de Catecismos onde são impunemente expostas essas distorções, como o de Riscato (Itália) e o já tristemente célebre Holandês.

Quem tiver a felicidade de ler “O Século do Nada” inteirar-se-á de tudo isto e, se ainda não “engajado”, lamentará o que hoje se faz à Mãe e Mestreira do mundo e dos homens.

4

Vimos, em crônica anterior, o que o “modernismo” ensejou à Igreja, estranhas idéias e lamentáveis fatos tão bem estudados por Gustavo Corção em *O Século do Nada*, livro boicotado pelos católicos “progressistas” e esquerdistas de qualquer tipo.

Seja acrescentado, agora, que, ao lado desses desvios de doutrina, seria natural que surgissem erros de disciplina, alguns a seguir lembrados. A liberdade de cada padre inventar a sua própria liturgiazinha (pode-se dizer que não há um que celebre a missa igual a outro), depois de várias reformas do *ordo missae* vigorante desde São Pio V, patrocinadas pelo Vaticano durante o pontificado de Paulo VI, que induzem à falsa conclusão de que tudo estava errado antes. O esvaziamento e até o fechamento dos Seminários, como *verata quaestio* para impor ao Vaticano a extrema necessidade de serem ordenados homens casados, com a falta qua-

se absoluta de padres formados sob o império das normas do Concílio de Trento, e depois a volta dos que se licenciaram para casar ao pleno exercício do munus sacerdotal. O horror ao traje sacerdotal e ao hábito religioso, não mais usado nem mesmo para a celebração da missa, colocando-se sobre a calça civil e a camisa de mangas curtas a “alva” e “estola”, tão-somente. O encurtamento das saias dos hábitos das freiras, algumas delas já com os joelhos à mostra, como eu mesmo tive ocasião de ver por duas vezes.

Seguindo-se a esses desmandos doutrinários e costumes mundanos, viria o pior: — a simpatia, ou mesmo a adesão declarada e escandalosa, ao marxismo e, conseqüentemente, ao comunismo, embora que sob o rótulo de “socialismo”; a louvação, em prosa e verso, por padres e até bispos, a guerrilheiros comunistas e terroristas como Che Guevara e o tristemente famoso padre Camilo Torres, que morreram lutando contra as forças armadas regulares; a “promoção” de teóricos da subversão, como o Pe. Comblin, principal responsável pelo Documento de Medellin há dez anos emitido em nome do episcopado latino-americano; a aversão ou mesmo o ódio às autoridades constituídas e às Forças Armadas, que se contrapõem à marcha para o socialismo; a inaceitação da Revolução de 31 de março de 1964, não pelos seus naturais erros, mas desde os primeiros dias, por constituir obstáculo à esquerdização do Brasil; a quase total indiferença pela imoralidade institucionalizada, que não mais constitui preocupação dos bispos e padres, ocupados quase somente com problemas políticos, econômicos e sociológicos, nos quais não são autoridade nem de direito nem de fato; o incentivo aos chamados “grupos proféticos”, que se reputam inspirados a interpretar a doutrina católica e adaptá-la aos tempos atuais e futuros; o prestígio emprestado a certos “teólogos” que pregam de modo franco, oralmente e em seus artigos e livros, a revisão de certos dogmas católicos, como a Ressurreição de Cristo, a Presença Real na Eucaristia, etc., a exemplo do padre franciscano Leonardo Boff, que tem sofrido crítica irresponsável de nosso conterrâneo Aristides Ribeiro...

Como explicar tudo isto? — é a pergunta que os leigos fazem a essas teorias e atitudes. Em palestra radiofônica pronunciada a 9 de dezembro de 1960, depois inserida no livro *Problemas* (Editora “Presença”, Rio, 1963, págs. 87 a 92), o falecido Cardeal Jaime Câmara, então arcebispo da antiga Capital da República, relatando como determinara, já naquela época, a expulsão de dois comunistas que se haviam sorrateiramente introduzido em organizações católicas, relembrou a Ordem Secreta n.º 106 do Partido Comunista da China Continental, especialmente endereçada aos marxistas da América Latina, onde consta o seguinte: — “Todos os camaradas devem procurar um meio de penetrar no próprio coração da Igreja, a serviço de nossa nova política secreta, para o fim de desenvolver grande atividade no seio mesmo de todas as Autoridades Eclesiásticas, desencadeando ataques de grande envergadura, apelando inclusive para a ajuda de Deus, com o fim de facilitar o êxito. Para conseguir uma frente única devem servir-se da força sedutora do sexo feminino e cumprir as nove seguintes determinações de nosso partido, tendo como objetivo provocar divisões internas nas Igrejas e atirar as organizações religiosas umas contra as outras”. Entre aquelas nove recomendações merecem destaque as seguintes: — espionar os católicos “reacionários”, caluniando-os e desmoralizando-os; infiltrar-se mesmo na própria direção da Igreja; penetrar em todas as organizações eclesiais para promover movimentos em favor da Paz, coexistência pacífica entre Ocidente e Oriente, entendimento entre democracia e comunismo...

Fantasmagoria? Pelo contrário, terrível realidade confirmada pelos fatos. Com que dor cito eu mesmo, agora, um exemplo que silencieei durante muitos anos por prudência, a mim relatado por eminente vulto do episcopado brasileiro, infelizmente já falecido. No início da década de 60, quando aqui veio pregar a Páscoa dos Comerciantes e Industriais, Dom Carlos Coelho, parente de minha esposa e então Arcebispo de Olinda e Recife, foi por mim visitado no Seminário da Prainha, ocasião em que me declarou, com imensa tris-

teza, que encontrara em sua nova arquidiocese (fora ele transferido recentemente do Arcebispado de Niterói) dois padres comunistas. Diante do meu justo espanto em face da violenta mutação que aqueles dois teriam sofrido na passagem do espiritualismo católico ao materialismo marxista, Dom Carlos esclareceu-me que eles já haviam entrado comunistas no Seminário, num verdadeiro trabalho de “autodemolição” da Igreja. Essa pungente revelação foi por mim, naquela época, transmitida com muita reserva a pouquíssimos católicos de minha inteira confiança, entre os quais os professores José Denizard Macedo e Luís Teixeira Barros.

De par com essa infiltração, o insopitado desejo de alguns de modernizar a Igreja, numa adaptação aos tempos atuais, feita ao arrepio da própria doutrina e da tradição milenar do catolicismo, tudo isto provocou a terrível crise que assistimos, tão bem analisada pelo grande lutador que foi Gustavo Corção, na monumental mas boicotada obra de história e sociologia, sob visão cristã, intitulada *O Século do Nada*, cuja leitura recomendo com todo o empenho.

5

Prossigo na análise sobre *O Século do Nada*, do falecido escritor Gustavo Corção, e o faço a partir do assunto que encerrou minha última crônica, isto é, o insopitado desejo de alguns de “modernizar” a Igreja, adaptando-a aos tempos atuais, nova roupagem do “modernismo” que tomou a denominação de “progressismo”.

Esse ressurgimento do “modernismo” pode ser assinalado desde quando alguns católicos passaram a crer mais nos meios ditos “ricos” (ativismo e, finalmente, violência) em detrimento dos chamados meios “pobres” (somente aos olhos do mundo, pois se escudam na oração, na penitência, no entregar-se a Deus). Foi esse encanto pelo “ativismo” que em-

beveceu os católicos em relação aos comunistas e, depois, num plano inclinado inevitável, ao próprio comunismo. E essa subestimação do espiritual e supervalorização do material, essencialmente marxista, invadiu conventos e palácios episcopais e até cardinalícios, obtendo foros de atitude pelo menos “oficiosa” de certos setores da Igreja, com a organização de movimentos e a edição de documentos que os encorajavam.

O primeiro desses movimentos intitulou-se “Jeunesse de L'Église” e surgiu em 1936, na França, sob a tutela do Pe. Montuclard. Visava, a princípio, estudar os problemas contemporâneos à luz do catolicismo, para que este tivesse maior influência nos tempos modernos e, concomitantemente, para que estes pudessem repercutir num trabalho de renovação da Igreja. Obviamente predominaria o segundo aspecto e não o primeiro, porque quem deseja “renovar-se” reconhece de logo que algo há de errado consigo, estando pelo menos parcialmente certo seu antagonista. Esse movimento, nos trágicos anos da ocupação da França pelos nazistas, manteve contato com outro grupo — “Témoignage Chrétien”, fundado pelo jesuíta Pierre Chaillet nos primeiros dias da “Résistance”, isto é, em 1941, grupo que desenvolvia estreita e continuada colaboração “ativista” com os comunistas na ação comum de opor obstáculos ao alemão usurpador, não obstante as Encíclicas e demais documentos pontifícios proibirem terminantemente qualquer tipo de colaboração com os movimentos marxistas pelo perigo que essa colaboração representava, como os fatos confirmaram. Da aproximação dos dois grupos ditos católicos resultou a contaminação daquele intitulado “Jeunesse de L'Église”, uma vez que o chamado “Témoignage Chrétien” já se tinha deixado influenciar pelo marxismo. Essa infiltração no movimento liderado pelo Pe. Montuclard manifestou-se pela simples aceitação, em uma de suas publicações, da tese de que a História tem um “sentido” e que o comunismo se contém nesse contexto. Pode parecer acadêmica essa atitude do Pe. Montuclard, mas o que atrás dela se escondia era a idéia “nova” de que os acontecimentos não mais se aquilatavam através

de critérios da “lei natural que é a vontade de Deus impressa na natureza das coisas”, como está definido na obra de Gustavo Corção ora comentada. A nova “teologia” dava início à afirmação, hoje dominante entre os “progressistas”, segundo assinala Corção, de que “vontade de Deus, se é que dela ainda cuidam, seria manifestada no SENTIDO DA HISTÓRIA”. A frase típica do Pe. Montuclard dispensa maiores comentários: — “O homem moderno está persuadido de que a História desempenha na Humanidade um papel LIBERTADOR”. Afinal, a palavra chave: — LIBERTAÇÃO, não do pecado (como está nos Evangelhos) mas dos regimes que o comunismo considera escravizadores... Uma das últimas monografias do Pe. Montuclard (“Les Événements et la Foi”) foi posto no Index pela Igreja, e a derradeira delas (“Jeunesse de L’Église”) fala de um “evangelho cativo”, insinuando ainda que, não através da Igreja reacionária, mas do comunismo, LIBERTADOR da classe operária, esta se poderia LIBERTAR. Foi como padre, a última bofetada que esse tráfuga deu na Igreja, sua Mãe, pois deixou o catolicismo e ingressou no comunismo escandalosamente.

Anote-se, a seguir, o aparecimento do Pe. Godin, oriundo de família pobre e operária antes de ingressar no Seminário. Sagrado sacerdote, quis dedicar-se ao apostolado entre os humildes trabalhando na JOC, e por essa sua sublime vocação somente aplausos mereceria de todos. Como, segundo a estratégia da Igreja, num país católico o apostolado se desenvolve por meio das paróquias e dos bispados, prestigiados pelos leigos, enquanto nos países de missão o padre se lança no meio do povo como nos primeiros tempos do cristianismo, entendeu o Pe. Godin que a França não mais comportava o processo adotado em países de religião geralmente aceita, mas exigia a atuação de missionários diante de uma sociedade afastada de Deus. E escreveu, conjuntamente com o Pe. Daniel, longo relatório em que indagava e insinuava: — “La France, Pays de Mission?” Seria a aplicação do processo de São Paulo: — “Fiz-me judeu com os judeus, para ganhar os judeus”. E até aqui nada de mais; muito ao contrário. Po-

rém, os fatos mostraram que esse desejo de converter a França materialista se tornaria contraditório, tornando-se materialistas os integrantes do movimento com a adoção de idéias “ativistas” de supervalorização dos chamados meios “ricos...”

Algum tempo depois, em 1946, o Pe. Louis Beinaert publicou na revista *Études* um artigo em que falou de “um movimento de crescimento que empolga o homem moderno e orienta para um futuro com traços ainda imprecisos, mas com imenso poder de sedução”... Esse “prurido” a que se referiu o sacerdote francês não é novo nem velho, mas de sempre, representado pelo “complexo de Édipo”. Freud já mostrava que há latente na humanidade o desejo de contrapor-se ao “pai”, como a propósito lembra Corção. O fantasmagórico artigo se encerra com a visão de “um movimento que de certo modo prolonga no sacerdócio cristão o PROFETISMO do Antigo Testamento. Esse sacerdócio nada deseja com mais força do que sua união com a hierarquia. Se encontra obstáculos, é da parte da MASSA CATÓLICA CONSERVADORA E PESADA, apegada a seus hábitos, e suas rotinas, com um INTEGRISMO mais zeloso de denunciar erros do que promover a verdade, e mais diligente em defender ESTRUTURAS do que difundir o Reino de Deus”... Frase não muito alongada mas que encerra o pensamento e as expressões mágicas do “progressismo”: — grupos proféticos integrismo e estruturas, tão identificadoras do estilo dos “modernistas” de hoje. E mostra que o laicato católico, tão louvado por muitos insinceramente, é de fato abominado pelos “renovadores”, por se manter fiel aos postulados tradicionais do catolicismo nos momentos de crise na Igreja. Assim, são os leigos, que felizmente não aprovam essas inovações, taxados de “massa pesada apegada a seus hábitos e suas rotinas, mais zelosos de denunciar erros do que promover a verdade e mais diligentes em defender estruturas do que em difundir o Reino de Deus”. Todavia, os fatos comprovam que são aqueles sacerdotes “progressistas” que, mais rapidamente do que seria de se supor, deixam a Igreja e se tornam marxistas ou, o que é imensamente pior, nela per-

manecem para aluí-la por dentro... Os leigos mantêm-se apegados a seus “hábitos” e “rotinas” e permanecem na Igreja, esperando que a crise passe. A não ser que espontaneamente ou já por influência dos “progressistas”, alguns leigos se “engagem” nas novidades, e então são “promovidos”, e somente estes, a “delegados” de uma enorme massa que, graças a Deus, pensa diferentemente deles...

6

Continuo, nesta outra crônica sobre o livro *O Século do Nada*, obra-testamento de Gustavo Corção, insistindo no grande papel do laicato católico, que resiste, embora quase sempre passivamente, ao espírito “ativista” de certos setores do clero.

É que, de fato, os leigos se guardam contra essas novidades e por isso pelos “progressistas” são considerados “massa conservadora e pesada”, quando na verdade apenas fazem o que lhes resta fazer: — preservar o rico tesouro de vinte séculos, ameaçado de destruição por parte de quem maior obrigação teria e tem de conservá-lo. Essa resistência do laicato não é nova. Vem de longos anos. Bom amigo e benévolo leitor, dos mais cultos que o Ceará possui, escreveu-me há pouco a respeito destas minhas crônicas, lembrando que Gustavo Corção, no livro ora analisado, “inter-relaciona o combate permanente ao poder do Senhor do Mundo”, a partir do *Syllabus* de Pio IX, passando pela Encíclica *Pascendi* de São Pio X (“lei da chibata”, para Tristão de Athayde...) e terminando com os pronunciamentos de Pio XI e Pio XII. Propõe Corção uma existência paradigmática, em cada época, de líderes leigos católicos, santos ou não, numa cadeia contínua de contra-ataque, dos quais ele, Corção, foi entre nós o último Quixote. Esses heróis leigos, cuja corrente teve início com São Thomas Morus, sempre resistiram às inovações anti-tradicionistas. Aqui já se salientou que dos leigos não têm surgido as heresias.

O desejo de alguns hierarcas de atualizar a Igreja, adaptando-a aos tempos de hoje (esquecidos de que o que é eterno é sempre atual), foi a nova roupagem do “modernismo” que tomou a denominação de “progressismo”.

A esta altura, seja-me dado enfatizar que o Relatório intitulado *La France, Pays de Mission?*, dos padres Godin e Daniel, já referido em crônica anterior, não apresentava soluções, mas passou a entusiasmar quantos desejavam uma “renovação” da Igreja. Entre os entusiastas estava o Arcebispo de Paris, Cardeal Suhard, que em 1944 constituiu um pequeno grupo de padres para o estudo e a preparação de um apostolado popular com caráter missionário.

O explosivo tema repercutiu em Roma, e o grande Papa Pio XII, solicitamente, doutrinou sobre a matéria, como sempre de modo magistral, dizendo em alocução de 2 de março de 1947: — “Recentemente foi proposto ao cristianismo este conselho, quase um desafio: se quiser conservar seu prestígio e sair do ponto morto, terá de se adaptar à vida e ao pensamento moderno, às descobertas científicas e à extraordinária potência da técnica, em face das quais as formas históricas do cristianismo e seus velhos dogmas não serão doravante senão evanescentes luzes do passado. Grave erro! E como atrás dele se descobre a falaciosa ilusão dos espíritos superficiais! Eles parecem querer empurrar a greja, como num leito de Procusta, nos quadros estreitos das organizações humanas. Como se a nova configuração do mundo, como se a dominação presente da ciência e da técnica ocupasse todos os domínios e não deixasse nenhum espaço livre para a vida sobrenatural, que em toda parte jorra.”

Foi pouco tempo depois e a despeito dessa prudente mas incisiva advertência de Pio XII que o Cardeal Suhard lançou uma Carta Pastoral intitulada *Essor ou Déclin de l'Église*, em que a idéia básica pode ser assim colocada: — o mundo somente progredirá e a Igreja só terá o seu *Essor* se acontecerem corajosas rupturas com o passado. Na Pastoral foi dito claramente que a Igreja é desafiada pela História:

— ou cede ao mundo, arrojando-se, ou resiste ao mundo, declinando. Estaria certo o Cardeal? Finalmente, o que todos os homens podemos desejar é o progresso. Mas... que progresso? Espiritual? Moral? Material, mesmo, desde que não comprometa aqueles dois? Muito bem! Todavia, o progresso pelo progresso, sem atentar para a própria finalidade da Igreja — a santidade de seus membros e a maior expansão da santidade na atividade apostólica — é um mal e não um bem, como os próprios fatos se encarregam de provar, a exemplo da bomba atômica. Além do mais, esqueceu o Cardeal, lamentavelmente, a ação do Espírito Santo na Igreja: — esta só definharia se Deus o quisesse e Deus não há de querer isso. As idéias do Cardeal francês eram, pois, sem tirar nem pôr, as do “progressismo”. E, como nesse terreno escorregadio, a um passo perigoso sempre se segue outro, o Cardeal assim desdobra o seu pensamento: — não é no mundo exterior que a Igreja encontrará obstáculos ao seu *aggiornamento*, mas no seu próprio interior, numa repetição do que disse o Pe. Beinaert... A peroração da Pastoral explica melhor do que qualquer comentário: — “não podemos ser santos e viver o Evangelho que invocamos, sem nos esforçarmos por assegurar a todos os homens condições de alojamento, de trabalho e de alimentação, repouso e cultura... sem os quais não há vida humana. Assim, a missão do cristão não é somente em apostolado; é a convergência de três ações simultâneas: religiosa, cívica e social”. Esquecera o Cardeal as frases de Cristo de que seu reino não é deste mundo e que devemos dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Se assim não fosse, o que sobraria para o Governo civil? Além do mais, com essa teoria nova, dera azo o Cardeal a que, abandonando sua função específica (a religiosa), os católicos “progressistas” justificassem sua atividade política e social, de tendência claramente esquerdista. Enfim, dera ele um aval ao abandono dos “terços” e ao uso dos fusis...

Não haveria dificuldade em explicar, destarte, a catástrofe da experiência dos “padres operários”, que a mão forte de Pio XII sarjou em tempo.

Apesar do zelo e da vigilância do Papa Pio XII, o sucessor do Cardeal Suhard no Arcebispado de Paris (o Cardeal Feltin) repetiu, em 1953, conceitos semelhantes ou piores: — “o mundo operário afastado da Igreja tem riquezas espirituais e uma certa unidade em razão da qual não aceita em seu meio o estrangeiro que lhe venha dar lições. Para exercer influência sobre ele é preciso ser NATURALIZADO, reconhecido como membro desse mundo”. Em suma: — o materialismo tem suas riquezas... espirituais, o operário não aceita o apóstolo que vai convertê-lo para Cristo e para essa conversão será necessário desvestir-se dos sinais de Deus! Não seja, pois, de admirar que com essa tática, os padres “operários” fossem buscar lá e saíssem tosquiados, isso é, “fossem converter e saíssem convertidos”, como salientou o então Cardeal Montini, Arcebispo de Milão, depois eleito Papa com o nome de Paulo VI. Finalmente, não causaria espanto que o catolicismo sofresse, a partir dessa investida francesa contra a sua tradição, aquele processo de “autodemolição” a que se referiria o mesmo Paulo VI, que viu nisto tudo a “fumaça de Satanás”.

Se assim falo, tão duramente, isso cujo contrafeito, com o honesto objetivo de analisar a crítica que de modo irrefutável fez dessa crise o escritor Gustavo Corção em *O Século do Nada*. Porém, ressalto a minha, que certamente dele também era, inabalável convicção de que, como foi solenemente dito em Fátima pela Medianeira de todas as graças, “no fim meu coração triunfará”, isto é, ninguém poderá destruir a obra de Deus, de Cristo e da Igreja. Nem os padres, nem os bispos, nem mesmo os Papas.

7

Ao final deste meu estudo sobre o livro *O Século do Nada*, obra monumental injustamente boicotada, parece-me conveniente, e até imprescindível, falar mais demoradamente sobre Gustavo Corção, seu autor, à luz de depoimentos autorizados de outros eminentes intelectuais.

Reconheça-se, por amor à verdade, que os pronunciamentos feitos quando da notícia do inesperado falecimento de Corção não foram proporcionais aos reais méritos do grande pensador. Mas houve exceções, como sói acontecer.

O inspirado poeta e monge beneditino Dom Marcos Barbosa, que conheci ainda estudante de Direito e foi também colega meu nos movimentos de Ação Católica no velho prédio da Praça Quinze, no Rio, sobre Corção fez revelações interessantes. Primeiramente, disse que “partiu da vida, despercebido, esse homem por natureza discreto”. Como DISCRETO? Não ousava ele combater, qual espadachim moderno, os impostores do Catolicismo, encarapitados alguns em altos postos da Hierarquia? É que sua Fé era para valer mesmo, apostando ele tudo na visão de Deus — sucesso, amigos, relações, prestígio. E a Fé lhe dava coragem para tudo isso.

O próprio Tristão de Athayde, que se “modernizara” surpreendentemente e que Corção por isso enfrentava de maneira corajosa e estóica, não titubeou em dizer, após a morte do antigo companheiro, com quem se desentendera no meio do caminho, que não diminuiu “em nada a enorme admiração, o profundo respeito e a inabalável estima, que nenhuma barricada de idéias opostas conseguiu destruir ou mesmo afetar”. E assim Tristão classificou o desaparecido antagonista: — “Homem de ciência, homem de letras, homem de fé, tudo confluía para uma integração raramente encontrada em nossa cultura”. Essas palavras valem como uma consagração, ditas por um adversário do porte de Tristão de Athayde, que insistiu em deixar bem claro que a trincheira que se abriu entre os dois “em nada fechou aquele grande coração, que pulsava por detrás daquele escudo de cavaleiro andante”.

Francisco Barbosa de Rezende, em Minas Gerais, lembrou o afastamento de Corção de alguns antigos companheiros do Centro Dom Vital, a partir das distorções posteriores ao Concílio Vaticano II. E, de par com o amor de Corção a Deus, a Cristo e à Igreja, ressaltou que sua vocação para a luta aberta e leal explica aquelas “estocadas violentas, áspe-

ras, ferinas, que lhe valeram muitas incompreensões e não poucos desafetos”. Inclusive a aversão e até o ódio de “certas figuras do clero e do laicato católico que, pela sua posição e atitude, parecem empenhados em destruir a verdadeira Igreja”.

Finalmente, Gustavo Corção foi definido como sendo “um pensador que fazia questão quase sempre de ser intolerante, quando a tolerância tinha conotações de largueza de espírito e de traição”. Um grande elogio, sem dúvida, por mais que possa parecer o contrário.

Luiz Delgado, aqui próximo, em Pernambuco, falou da coragem de Corção, não o detendo, por convicção, “nem mesmo aquilo que leva tantos a emudecerem, boquiabertos mas silenciosos — o respeito que todo leigo deve à hierarquia”. E acrescentou que ele “terá, sobretudo, passado por provas tremendas — não só a do sofrimento pelas denúncias que não podia calar; também a da dificuldade que sentia de perseverar fiel à Igreja”. Por isso, “espalhava o temor e a reverência que se disfarçavam ultimamente em ódio e silêncio — cômoda fórmula para se evitarem confrontações nitidamente desiguais...”

Filha ilustre do Ceará, Rachel de Queiroz honrou nossa terra com um sentido depoimento sobre Corção. Começou ela estranhando que os meios de comunicação, quando do falecimento do “Cavaleiro Fiel”, tenham entrevistado “apenas os adversários do morto, nem um só amigo...” Era mais uma manifestação da conspiração do silêncio, que motivou o título desta série de crônicas. E desabafou Rachel: — “Meu Deus, e a verdade daquele homem era tão diversa das untuosas coisas que disseram dele!” No mesmo artigo, primoroso como os de sua lavra, a escritora conterrânea confessa: “Fui tomando contato com aquela inteligência que era como um raio *laser*, tão penetrante que parecia mágica; aquela crença intrépida de mártir confessor; aquela fidelidade intransigente e sempre alerta com que se vigiava e combatia pelos seus artigos de fé”. Salientando o verdadeiro martírio de

Corção pela cegueira física com que Deus o distinguiu nos quatro últimos anos de sua vida, Rachel lembrou que “cada artigo seu era um ato de heróica perseverança; e não fosse o seu senso de missão, de defender a cidadela até à morte, não teria forças para continuar lutando — literalmente, até à morte, como aconteceu”.

Quanto a mim, modesto escrevinhador da Província, já lhe fiz justiça quando da série de artigos, depois enfeixados em livrinho, que escrevi em defesa da indissolubilidade do vínculo matrimonial, por cujo motivo tanto desaforo anônimo recebi. Então, referi-me ao “ponto de vista dessa figura ímpar de Dom Quixote moderno, sábio e santo, tão combatido hoje em dia por suas posições corajosas e coerentes até mesmo por integrantes do clero, que ele deseja, em última análise, defender e não ultrajar, que é Gustavo Corção”. Relembrei em outra crônica daquela série “a presença constante de Gustavo Corção na imprensa e nas letras brasileiras, fulgurantes, atuante, combativo e como que heróico pelas pedras que lhe são jogadas, algumas vindas de onde menos se esperava que viessem. Antidivorcista por convicção e religião, sua opinião pouco repercute, lamentavelmente, em consequência da campanha de seus adversários, oriundos em geral da esquerda militante ou FESTIVA e do próprio clero PROGRESSISTA, que de muito ultrapassaram as raiais do razoável e o odeiam sem disfarces”.

Vários outros hão manifestado a sua adesão à campanha do grande autor de *O Século do Nada*. Tomo ao acaso, e o faço em forma de homenagem a quem não conheço pessoalmente mas admiro, os pronunciamentos do jornalista Antônio de Alcântara Nogueira, dos “Associados” de Fortaleza, que revelam a despreensão de seu autor mais igualmente indicam o seu grande bom senso, cujas opiniões se assemelham às de Gustavo Corção no que tange à esquerdização da Igreja e aos novos costumes de alguns membros do clero. Uma das exceções honrosas, sem dúvida, à conspiração do silêncio contra a posição assumida pelo grande escritor católico e, de modo particular, contra seu livro-testa-

mento, analisado nestas crônicas — *O Século do Nada*. Porque o século **XX**, realmente, destruiu sem construir. Os reformadores da centúria são os “escavadores do nada”, como bem os definiu o grande Leon Bloy, modelo de Gustavo Corção, seu irmão em tudo, até mesmo na santa ira com que demonstrava seu imenso Amor.